

CORPOREIDADES CONTEMPORÂNEAS...
“HUMANAS, DEMASIADO HUMANAS”¹
CONTEMPORARY CORPOREALITIES... “HUMAN, ALL TOO HUMAN”
CORPOREIDADES CONTEMPORÂNEAS... “HUMANAS, DEMASIADO HUMANAS”

Rubens M. Volich²

Resumo: A clínica e a teoria psicanalíticas evidenciam como as vivências corporais se constituem como fundamento primordial da constituição subjetiva. A partir das interações com o outro humano, desenvolvemos um corpo marcado pela erogeneidade que vai além do meramente biológico, manifestando o desejo, as pulsões e todo o campo representativo. Na contemporaneidade, observamos comportamentos como a incessante procura pela estética perfeita, a obsessão pelo rendimento físico otimizado e a constante necessidade de aprovação pelo outro — manifestos em procedimentos cirúrgicos estéticos, na prática exagerada de exercícios e no uso compulsivo das plataformas digitais — que sinalizam vulnerabilidades narcísicas e a forte presença do ego ideal nas dinâmicas subjetivas e nas relações pessoais e sociais. Este trabalho analisa como as formas atuais de alienação e de sofrimento psíquico se originam em falhas nas primeiras relações objetais, que comprometem os processos de organização da economia psicossomática, capaz de enfrentar demandas e expectativas tanto internas quanto externas. Esses sofrimentos intensificam-se no contexto da presença marcante dos recursos digitais e das redes sociais, onde o indivíduo persegue incessantemente o reconhecimento do outro como forma de confirmação de sua própria existência.

Palavras-chave: Corpo erógeno. Economia psicossomática. Desamparo. Ego ideal. Procedimentos autocalmantes. Alienação.

Abstract: Psychoanalytic theory and clinical practice highlight how bodily experiences constitute the fundamental basis of subjective development. Through interactions with others, we develop a body marked by erogeneity that transcends mere biological functions, expressing desire, drives, and the entire representational field. In contemporary society, we observe behaviors such as the relentless pursuit of aesthetic perfection, the obsession with optimized physical performance, and the constant need for external validation — manifested in cosmetic surgical procedures, excessive exercise, and compulsive use of digital platforms. These behaviors signal narcissistic vulnerabilities and the strong presence of the ideal ego in subjective dynamics and personal and social relationships. This study examines how current forms of contemporary alienation and suffering stem from failures in early object relations, which impair the organization of the psychosomatic economy — essential for managing both

¹ Amplio neste artigo as reflexões apresentadas no 28º Encontro do Curso de Especialização em Psicoterapia Psicanalítica Prof. Ryad Simon — CEPPI em 23/11/2024, em São Paulo. Agradeço o convite de Gina K. Levinzon, Kayoko Yamamoto e da equipe organizadora para compartilhá-las naquele encontro.

² Psicanalista. Doutor pela Universidade de Paris VII — Denis Diderot. Membro do Departamento de Psicossomática Psicanalítica do I. Sedes Sapientiae e professor da Especialização. Autor de *Psicossomática, de Hipócrates à psicanálise, Impasses da alma, desafios do corpo. Figuras da hipocondria e Tempos de encontro: escrita, escuta, psicanálise* (São Paulo: Blucher, 2022; 2024; 2021). Coorganizador e autor dos livros da série *Psicossoma* (São Paulo: Casa do Psicólogo). ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-9027-2257>. E-mail: rubensvolich@gmail.com

internal and external demands. These forms of suffering are exacerbated by the pervasive presence of digital resources and social networks, where individuals relentlessly seek external recognition as a means of confirming their own existence.

Keywords: Erogenous body. Psychosomatic economy. Helplessness. Ideal ego. Self-calming procedures. Alienation.

Resumen: La clínica y la teoría psicoanalíticas evidencian cómo las vivencias corporales se constituyen como fundamento primordial de la constitución subjetiva. A partir de las interacciones con el otro humano, desarrollamos un cuerpo marcado por la erogeneidad que va más allá de lo meramente biológico, manifestando el deseo, las pulsiones y todo el campo representativo. En la contemporaneidad, observamos comportamientos como la búsqueda incesante de la estética perfecta, la obsesión por el rendimiento físico optimizado y la constante necesidad de aprobación por parte del otro — manifiestos en procedimientos quirúrgicos estéticos, en la práctica exagerada de ejercicios y en el uso compulsivo de las plataformas digitales — que señalan vulnerabilidades narcisistas y la fuerte presencia del ego ideal en las dinámicas subjetivas y en las relaciones personales y sociales. Este trabajo analiza cómo las formas actuales de alienación y de sufrimiento psíquico se originan en fallas en las primeras relaciones objetales, que comprometen los procesos de organización de la economía psicosomática, capaz de enfrentar demandas y expectativas tanto internas como externas. Estos sufrimientos se intensifican en el contexto de la presencia marcante de los recursos digitales y las redes sociales, donde el individuo persigue incesantemente el reconocimiento del otro como forma de confirmación de su propia existencia.

Palabras clave: Cuerpo erógeno. Economía psicosomática. Desamparo. Ego ideal. Procedimientos auto calmantes. Alienación.

Às 23 horas da noite chuvosa de 26 de julho de 2024, em uma Paris transformada em palco a céu aberto, do alto da Torre Eiffel, Céline Dion emocionou o mundo com sua interpretação do *Hino ao amor*, de Édith Piaf, abrindo os Jogos Olímpicos de 2024.

Nos dias que se seguiram, nos deslumbramos com as acrobacias inimagináveis de Rebeca Andrade, Flávia Saraiva, Jade Barbosa e suas companheiras; sofremos e vibramos com a luta aguerrida de Ana Patrícia e Duda no vôlei de praia; tememos e nos aliviemos com a ousadia dos domadores de ondas Gabriel Medina e Tatiana Weston-Webb. Encantamo-nos com a destreza natural, humilde e fascinante de Rayssa Leal e com o ritmo tranquilo e vigoroso de Isaquias Queiroz e também nos sensibilizamos com a história de vida de Beatriz Souza e suas conquistas no judô... e na vida. Ao longo de 17 dias, torcemos e acompanhamos seus feitos excepcionais e aqueles de muitos outros atletas, brasileiros e de outros países.

Respiramos um pouco.

Duas semanas depois, fomos tomados por imagens ainda mais impressionantes. Nas Paraolimpíadas que se seguiram, a equipe do Brasil efetuou sua melhor campanha da história: um total de 89 medalhas, 25 de ouro, 26 de prata e 38 de bronze. As limitações corporais não foram obstáculo para a emocionante agilidade e as inúmeras conquistas de Carol Santiago e Gabriel Araújo na natação, para a quebra de recorde e para as medalhas de ouro de Jerusa Geber, nem para o tricampeonato de Petrucio Ferreira no atletismo. Tampouco ofuscaram o brilhantismo de Claudiney Batista e Ricardo Mendonça, a conquista do bicampeonato no judô de Alana Maldonado, nem o ouro inédito de Ana Carolina Moura no taekwondo.

Reiteradamente, por meio de sua mera participação, cada atleta paraolímpico tornou-nos testemunhas de histórias de elaboração de sofrimentos, perdas e limitações impostas

a seus corpos, da força de vontade e das capacidades que lhes permitiram superar dores e limites, além de suas possibilidades de transcendência de difíceis condições corporais. Inevitavelmente, eles também nos confrontaram com nossos preconceitos individuais e coletivos quanto às pessoas portadoras de deficiência física.

Viajemos um pouco no tempo...

Oitenta e oito anos antes de Paris, nos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, Gretel Bergmann, uma das melhores atletas da equipe de salto da Alemanha, foi expulsa devido à sua origem judaica. Nos mesmos jogos, um Hitler enraivecido abandonou o estádio às pressas para não ter que cumprimentar Jesse Owens, atleta negro americano que conquistara quatro medalhas de ouro, contrariando o projeto hitlerista de instrumentalizar a competição para provar a supremacia ariana.

Dois anos depois, em 1938, a esposa do príncipe George da Grécia e Dinamarca, Marie Bonaparte, chegou a uma Viena invadida pelos alemães, determinada a proteger seu analista Sigmund Freud. Bem vestida, perfumada, ostentando um casaco de vison, colocou-se frente à porta do apartamento de Freud, na Bergasse 19, e usou sua posição aristocrática e suas influências para impedir a ação da Gestapo contra ele e sua família. Apesar da resistência de Freud em deixar sua cidade natal, Marie Bonaparte providenciou os documentos e a logística necessários para a viagem de Freud, na época com 81 anos. Ele deixou Viena no dia 4 de junho rumo a Londres, passando por Paris, e, graças a ela, salvou sua família próxima, seus pertences e seu legado. Quatro irmãos de Freud, Adolfine, Marie, Rosa e Pauline, não tiveram a mesma sorte. Pereceram todas em campos de concentração nazistas.

No ano seguinte, 1939, foi iniciado o programa Aktion T4, precursor das práticas genocidas do regime alemão, que resultou na eutanásia de milhares de pessoas consideradas “vidas indignas de serem vividas”, deficientes físicos e mentais, principalmente.

Em março desse mesmo ano, o neurologista alemão de origem judaica Ludwig Guttmann foi forçado pelo governo nazista da Alemanha a deixar o país com sua família. Fugiu para a Inglaterra e, inicialmente, trabalhou na Universidade de Oxford. Indicado pelo governo para chefiar o Centro Nacional de Traumatismos, em 1944, fundou a unidade de lesões medulares no Hospital Stoke Mandeville, em Buckinghamshire. Inconformado com as más condições de tratamento e com a brevidade da vida desses pacientes, Guttmann desenvolveu uma nova abordagem terapêutica para seus pacientes que unia trabalho e esportes como o basquete, tiro com arco, dardos e bilhar. Com essa abordagem, o hospital tornou-se um centro de referência mundial no tratamento de pacientes com paraplegia e tetraplegia.

Em 1948, ele organizou os Jogos de Stoke Mandeville, uma competição esportiva para veteranos de guerra com lesões na coluna vertebral. Essa iniciativa evoluiu até se configurar como os Jogos Paraolímpicos, realizados pela primeira vez em Roma, em 1960, em paralelo com os Jogos Olímpicos que também ali ocorreram naquele ano.

Graças a Guttmann, “pai” do movimento paraolímpico, pessoas com dificuldades ou deficiências físicas, mentais e de toda ordem, que, na Alemanha nazista que o expulsou, foram consideradas inferiores, inúteis, indesejadas e passíveis de eliminação, ao longo dos anos ganharam, mesmo que lentamente, não apenas visibilidade, mas também o reconhecimento de seus direitos, de seu lugar social e de suas necessidades específicas de desenvolver recursos específicos que lhes permitissem viver dignamente, apesar de suas limitações, tanto na vida individual como na coletiva.

Os corpos de Bergmann e de Owens, negados pela ideologia, o corpo de Marie Bonaparte, impedindo o acesso da Gestapo ao apartamento de Freud, a empatia revolucionária de Guttmann com o sofrimento dos corpos mutilados e paralisados pela guerra e por acidentes, os corpos sublimes e os desempenhos inimagináveis dos atletas olímpicos e, sobretudo, os paraolímpicos, são apenas algumas das evidências de que o corpo humano é

objeto de atravessamentos simbólicos, imaginários, sociais e políticos e claramente passível de transcendência de sua condição material.

Forjado por nossas histórias e relações familiares, pessoais e sociais, permeado por fantasias, sonhos, palavras, atravessado pela sexualidade e pela violência, o corpo é, ao mesmo tempo, palco para a constituição e para a expressão de nossa subjetividade e da infinita riqueza da existência humana, em suas formas mais sublimes e prazerosas, mas também naquelas mais sofridas e destrutivas.

Os mesmos atletas de alto desempenho que nos encantam com suas proezas vivem os efeitos nefastos das exigências de superação que as produzem: o medo e a insegurança da falha, os sofrimentos e as dúvidas quanto aos objetivos esperados, a dor muitas vezes insuportável em seus corpos solicitados para além de seus limites, a decepção aterrorizante com os resultados não alcançados, as noites mal dormidas, a depressão, a solidão e o *burnout*. Fantasmas que assombam as vidas sorridentes e glamorosas dos campeões e dos bem-sucedidos.

São numerosos aqueles que passam por tais experiências. Lembremos apenas de uma das mais conhecidas, a difícil luta de Simone Biles contra a depressão, a ansiedade e a pressão pela perfeição que culminaram com os *twisties*, uma condição que leva a uma desconexão entre mente e corpo, afetando o senso de orientação espaço-temporal e colocando o atleta em risco durante execuções complexas, que a levou a abandonar a Olimpíada de Tóquio em 2021.

LUGARES DO CORPO

Conflitos e perturbações como esses não surgem apenas nas grandes competições e nas atividades de alto desempenho.

Em nosso cotidiano, nas redes sociais e na mídia, observamos uma profusão de situações e imagens de pessoas aparentemente felizes, belas, seguras de si, ostentando sucesso, poder, inteligência e riqueza. Cidadãos do mundo, exaltam e exibem seus corpos e realizações e marcas conquistadas, transformando a si mesmas e sua imagem em produtos que alimentam uma vasta indústria de celebridades, supostamente distantes de qualquer sofrimento.

Combinam-se nesses comportamentos diferentes doses de vaidade, “autoestima elevada” e a busca por novos modos de sustento financeiro. Embora seja natural e compreensível querer se sentir bem e realizar-se, o que chama atenção é o excesso: sorrisos duradouros, biografias imaculadas, sem derrotas, certezas absolutas, um bem-estar aparentemente imune às mazelas e dores da vida.

Em sua maioria, buscam, acima de tudo, o reconhecimento, a admiração, a aliança e o engajamento do outro à sua pessoa, às suas ideias, mercadorias ou serviços. Porém, significativamente, muitas vezes, mesmo quando os recebem, estes logo se revelam insuficientes, promovendo a necessidade de retomar uma busca incessante por mais admiração, notoriedade e... seguidores.

Tendo dificuldade de encontrar em si mesmas lembranças, imagens ou experiências significativas e satisfatórias, muitos as procuram no olhar do outro e no reconhecimento das redes sociais.

Em 2020, o Brasil ocupava o segundo lugar mundial na realização de cirurgias plásticas estéticas, com cerca de um 1,9 milhão de procedimentos (depois dos Estados Unidos, com 4,7 milhões), sendo as mais frequentes a lipoaspiração, plásticas de mama e rinoplastias (ISAPS, 2021). Nos consultórios de cirurgia plástica, é comum que pacientes levem fotos de celebridades e de *influencers*, pedindo ao médico para ficar iguais a elas, transformadas em padrões estéticos desejados, em um contexto onde a beleza é um componente importante nas relações sociais e profissionais.

Se as cirurgias estéticas foram por muito tempo um domínio predominantemente feminino, hoje são cada vez mais procuradas por homens. Segundo a Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, nos últimos anos, o número de homens que buscam procedimentos como lipoaspiração e rinoplastia aumentou significativamente (Garcia, 2022). Também entre os adolescentes observamos essa crescente preocupação de adequar-se, por meios cirúrgicos, a padrões estéticos e culturais, apesar de ainda viverem a perspectiva de transformação natural de sua estrutura física.

Nessa questão, é importante distinguir entre cirurgias estéticas e reparadoras. Estas últimas, sem dúvida, proporcionam recuperação significativa para aqueles que sofrem de malformações ou traumas, contribuindo para a superação das difíceis condições que as provocaram. Porém, muitos pacientes buscam a cirurgia por conflitos de suas histórias de vida, frequentemente exacerbados por distúrbios de imagem, como os descritos nos transtornos dismórficos corporais (Coelho et al., 2017).

Alguns profissionais, conscientes dessas questões, convidam os pacientes à reflexão, reconhecendo que a cirurgia plástica não resolve questões emocionais, relacionais e pessoais mais profundas. No entanto, muitas vezes cedem à veemência de tais solicitações ou mesmo pela pressão de seu campo de atividades, sabendo que os pacientes facilmente encontrariam outros profissionais e colegas dispostos a realizar aqueles procedimentos.

Muitas pessoas que passaram por procedimentos estéticos se decepcionam com o resultado, levando a novas intervenções e, em alguns casos, agravando seu sofrimento. O descompasso entre o resultado técnico e a insatisfação do paciente muitas vezes é atribuído a “problemas psicológicos”, sem considerar as questões emocionais mais profundas envolvidas nessas reações, nem o fato de que o tratamento cirúrgico ou farmacológico, por si só, é incapaz de resolver esses conflitos internos. Uma pesquisa nos anais da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica de 2001 a 2005 aponta para a completa ausência de artigos sobre aspectos subjetivos, questões psicológicas, inconscientes, culturais ou sociais relacionados às cirurgias plásticas (Ferreira, 2011).

Dinâmicas semelhantes também caracterizam a busca pela perfeição corporal pela prática esportiva. Esvaziado de sua dimensão lúdica, o esporte torna-se um imperativo social e estético. Nesses casos, não apenas, como vimos, nas competições de alto nível, a prática esportiva muitas vezes se transforma em compulsão: horas de academia, esportes radicais e o uso de substâncias para moldar o corpo e melhorar o desempenho. Ao longo dos anos, gerações de “sarados” passaram a integrar tribos urbanas em busca de uma descarga explosiva, o que muitas vezes culmina em comportamentos violentos e descontrolados em grupos organizados (Volich, 2024).

A prática compulsiva de exercícios físicos atinge cerca de 3% da população em geral e 10% entre atletas de alto desempenho, para muitos tornando-se uma verdadeira adicção (Kelly, 2019). A combinação de adrenalina, endorfina e tensão física, potencializada pelo monitoramento via aplicativos e redes sociais, torna a prática pública e competitiva, exacerbando a busca por conquistas e perfeccionismo. À sombra dos corpos olímpicos, escondem-se lesões, fraturas, exaustão física e falhas no sistema imunológico, revelando a fragilidade que esses corpos “máquina” tentam ocultar.

Para muitos, essa constatação é insuportável, levando ao uso de substâncias dopantes e analgésicos, na tentativa de superar os limites do corpo. A insatisfação com o corpo, especialmente entre mulheres, alimenta a prática de exercícios excessivos e cirurgias estéticas, confundindo-se com transtornos dismórficos. Homens, por sua vez, recorrem a anabolizantes e esteroides para aumentar a musculatura, mesmo quando saudável, num comportamento conhecido como dismorfia muscular ou vigorexia.

Diferente do corpo imaginário da histeria, repleto de fantasias e dores, os corpos

esculpidos por fármacos e exercícios carecem de sonhos e afetos. São pura massa e força, sem essência ou alma. Por trás das miragens de perfeição, despontam paisagens desérticas.

“Humano, demasiado humano”, como constatou Nietzsche (2000), lembrando a natureza paradoxal e insuportável da condição humana, apesar de todas as idealizações, marcada pela fragilidade e pelas limitações, pelo medo da morte e pela busca constante da negação e da superação dessas condições.

Freud o admirava e reconhecia que ele possuía um conhecimento profundo sobre a condição humana. Apesar de ter mantido uma “certa distância” da obra do filósofo para “não se deixar influenciar”,³ Freud compartilhou muitas de suas visões sobre nossa existência e sobre a natureza e relações do sujeito com o mundo e com seus semelhantes.

O pai da psicanálise passou sua vida a tentar entender as contingências do sofrimento humano e a tratar de suas manifestações, debruçando-se sobre a história, conflitos, traumas e experiências que participam desses processos. Em *Mal-estar da civilização* (Freud, 1980c), evidenciou três fontes principais desse sofrimento: a fraqueza do corpo (envelhecimento e doenças), a agressividade da natureza e os conflitos sociais. Sem alimentar as ilusões dos que buscam na religião e na ciência formas de mitigá-las, ele revelou que, apesar dos avanços da civilização, o ser humano continua e sempre continuará a viver estados de insatisfação, sofrimento e angústia (Freud, 1980e).

Tendo identificado o corpo (não só o “enfraquecido”...) como parte significativa não apenas de muitos sofrimentos, mas também da constituição de outras experiências do sujeito, Freud e vários outros psicanalistas dedicaram-se a compreender o lugar e as funções das vivências corporais nessas dinâmicas.

O CORPO, DA ESSÊNCIA À TRANSCENDÊNCIA

A experiência corporal é construída e forjada por vivências pessoais, relacionais e socioculturais (Le Breton, 2012; Csordas, 1993). Desde o nascimento, nossas relações com o corpo e com o outro moldam nossa subjetividade. O corpo, mais do que um mero objeto de admiração, é matriz da nossa existência, carregando as marcas de nossas experiências e encontros. Em busca de reconhecimento, todos oferecemos nossos corpos ao olhar do outro.

Da concepção até a morte, o corpo é o espaço onde nossa história se inscreve, com suas sensações, impressões e traços. Ele é nosso refúgio em momentos de dor e desamparo. Não é surpresa que, em um mundo cada vez mais incerto e fragmentado, voltemos nossa atenção para o corpo.

Nos primeiros tempos de vida, a sobrevivência e o desenvolvimento da criança dependem da presença de outro ser humano e da qualidade dessa presença. A mãe (ou aquele que exerce a função materna) não apenas satisfaz as necessidades vitais do bebê, mas também o protege contra estímulos externos e internos que ele ainda não consegue processar, função que Freud denominou “para-excitações” (Freud, 1980j; 1980a). A qualidade dessa presença é essencial para o desenvolvimento da autonomia, das competências e dos recursos psíquicos da criança (Volich, 2022; 2024).

A partir da noção freudiana de que as pulsões sexuais se apoiam nas pulsões de autoconservação (Freud, 1980i), Christophe Dejours (1991) desenvolve o conceito de subversão libidinal do corpo biológico, processo que dá origem ao corpo erógeno. Esse fenômeno evidencia como, na interação com outro ser humano, as realidades anatômicas e fisiológicas são

³ “... neguei a mim mesmo o enorme prazer da leitura das obras de Nietzsche, com o propósito deliberado de não prejudicar, com qualquer espécie de ideias antecipatórias, a elaboração das impressões recebidas na psicanálise” (Freud, 1980b).

transcendidas, possibilitando a constituição de uma nova ordem — psíquica, imaginária e pulsional — na qual o desejo pode prevalecer sobre as necessidades fisiológicas.

A transição da vivência biológica para o corpo erógeno, do instinto para a pulsão, está diretamente ligada à qualidade das primeiras relações com o objeto. Elas influenciam o desenvolvimento do narcisismo, do aparelho psíquico e do equilíbrio entre as pulsões de vida (organizadoras) e de morte (desorganizadoras) (Freud, 1980a; Freud, 1980f).

A representação do corpo como fonte de prazer, para si e para o outro, é construída através das experiências de satisfação e frustração, acolhimento e rejeição. Essas vivências forjam o corpo erógeno e o corpo imaginário, que, em ressonância com as relações com o outro e com o mundo, configuram as experiências do sujeito (Volich, 2022).

Desde o nascimento, o ser humano é solicitado por estímulos internos e externos, que, quando excessivos, podem gerar desprazer, conflitos e experiências traumáticas potencialmente desorganizadoras da economia psicossomática do sujeito.

A constituição subjetiva e as instâncias psíquicas da primeira e segunda tópicas freudianas são forjadas a partir dessas dinâmicas organizadoras e desorganizadoras vividas ao longo do desenvolvimento (Freud, 1980h; 1980d). No estágio do espelho, como descrito por Lacan (1992), a subjetivação inicial da criança é marcada pelo contato com o desejo alienante do outro, que configura o ego ideal, herdeiro dos desejos parentais. A possibilidade de superação dessa condição a partir de identificações secundárias promove a constituição para o ideal do ego, que forma o superego.

O ego ideal, formado pelo narcisismo primário, reflete a onipotência compartilhada com a fantasia parental (Freud, 1980h). Dependendo da forma como a frustração e o desamparo são metabolizados e representados pelos cuidadores, a criança pode buscar a perfeição narcísica do ego ideal ou abrir-se à alteridade e ao amor do outro, constituindo o ideal do ego.

As proporções entre ego ideal e ideal do ego, relações narcísicas ou objetais, e a autonomia do sujeito sinalizam o grau de desenvolvimento de sua economia psicossomática. Quando essa organização é frágil, surgem expressões narcísicas e onipotentes do ego ideal, ou mesmo um superego tirânico e cruel, incapaz de adaptação. Como aponta Marty (1994), o ego ideal exige do sujeito uma perfeição intransigente, sem negociação ou adaptação à realidade exterior.

Essa fragilidade pode resultar em feridas narcísicas e movimentos desorganizadores do sujeito capazes de promover perturbações somáticas ou descargas pelo comportamento que, no limite, podem colocar em risco sua vida.

O sofrimento do sujeito no mundo contemporâneo surge muitas vezes da combinação explosiva dessas dinâmicas. A busca pelo gozo absoluto pode ser, ao mesmo tempo, uma tentativa de proteção e de descarga com relação a todas essas tensões, desconsiderando tanto a realidade como diferenças pessoais e sociais. Essas tensões podem também se manifestar como culpa e atitudes autodestrutivas, ou ainda como violência contra o outro e contra a sociedade, algumas vezes potencializadas pelas dinâmicas de grupo e de massa (Freud, 1980g).

Em várias situações, dinâmicas narcísicas primitivas, ligadas ao ego ideal, capturam o sujeito em processos alienantes, levando-o a aderir a promessas ilusórias de amor, gozo e busca de reconhecimento, numa tentativa de encobrir seu vazio, medo e fragilidade.

Essas dinâmicas, marcadas por falhas relacionais e fragilidades da constituição subjetiva e da economia psicossomática, favorecem o surgimento de manifestações corporais marcadas pelo excesso, pela repetição e pela fragilidade narcísica.

DOS IDEAIS AOS EXCESSOS

Para descrever funcionamentos resultantes desses processos, Szwec (1983) evoca a ima-

gem das galés, embarcações de guerra da Antiguidade, impulsionadas pela força de grandes grupos de remadores, geralmente escravos ou condenados a trabalhos forçados. Ele descreve o comportamento de muitos sujeitos contemporâneos que, apesar de livres, submetem-se voluntariamente à repetição de ações e gestos que vão além do prazer que eles parecem propiciar. Szvec os denomina *galés voluntários*, fascinados por movimentos e ações repetitivas de seus corpos e suas vidas, funcionando de maneira operatória, sem sentido ou prazer, que buscam utilizar essas atividades como defesas contra o desamparo.

A estridência, o ritmo e a intensidade de alguns estilos musicais, como os ouvidos em raves e certas baladas e atividades esportivas, como algumas que descrevemos, esportes radicais e gestos cotidianos, como dirigir agressivamente ou fumar, constituem-se como formas automáticas de descarregar tensões. Realizadas em clima de urgência, essas ações podem se tornar repetitivas e operar como *procedimentos autocalmantes*, um reflexo da precariedade psíquica, que, paradoxalmente, buscando acalmar o sujeito, precisa provocar a intensificação da tensão e da excitação (Smadja, 1993).

Esses comportamentos, brutos e desprovidos de carga simbólica, curto-circuitam a via representativa e fantasmática, frequentemente envolvendo dor e até automutilações. São tentativas de trazer calma ao aparelho psíquico apenas pela descarga, assim como uma mãe que tenta acalmar seu bebê a qualquer custo, sem, no entanto, propiciar-lhe experiências de satisfação, aquelas que poderiam verdadeiramente tranquilizá-lo, abrindo o caminho para a internalização do objeto, para a experiência alucinatória e para a autonomia psíquica e subjetiva.

Carências nas relações primitivas podem levar a criança a internalizar o embalo “calmante não gratificante” da mãe, como forma de evitar o vazio depressivo. Contudo, a tentativa de apaziguamento exclusivo pela excitação é frustrada pela incapacidade da criança de prescindir do corpo materno real ou de seus sucedâneos, permanecendo sem fantasia ou prazer (Fain, 1971).

Forma-se na criança uma falsa necessidade, tão imperativa quanto os instintos de autoconservação, que acentua sua dependência do objeto real de satisfação, prejudicando a capacidade de experimentar pela alucinação primitiva o que poderia favorecer sua autonomia. Esse processo também perturba a criação de um objeto interno satisfatório, no desenvolvimento do autoerotismo e nos recursos representativos da criança, comprometendo seu crescimento psíquico.

Tais precariedades do mundo interno e dos recursos representativos levam à hipervalorização da realidade externa, resultando em uma forte dependência dos objetos externos de satisfação. Nessa dinâmica, agradar o outro, atender às suas expectativas e ideais pode, em certos momentos, ser percebido pelo sujeito como uma questão vital, quase de sobrevivência. Entre muitas outras consequências, o corpo pode também se tornar um palco privilegiado para o embate em que as normas e a ideologia social se sobreponham às experiências, ao reconhecimento e à legitimação das vivências e apropriações subjetivas desse corpo (Csordas, 1993).

Na precarização desses modos de funcionamento dos primeiros tempos de desenvolvimento, encontram-se as raízes de muitas distorções da percepção do corpo próprio, de experiências de alienação corporal e, conseqüentemente, de diversas manifestações de sofrimento e mal-estar contemporâneos, como adições, comportamentos impulsivos, automutilações, entre outros. Além disso, é importante também reconhecer a presença desses funcionamentos em atividades cotidianas aparentemente inofensivas, como a prática de esportes, a comunicação digital, os jogos e apostas on-line, o uso de dispositivos eletrônicos, a participação em mídias sociais e os cuidados alimentares, especialmente quando estão marcados por excessos.

Há cerca de 40 anos, Michel de M'Uzan (1984) abordou as preocupantes manifestações nos comportamentos daqueles que denominou *escravos da quantidade*. Ele se referia

ao desejo insaciável de prazer em certas pessoas, para as quais a quantidade, o excesso e o acúmulo se tornam um destino em si, em decorrência da impossibilidade dessas pessoas de elaborá-las e transformá-las em qualidades, criações, relações humanas significativas.

Antes ainda de M'Uzan, Adorno (1995) alertava para a armadilha da fascinação, fetichização e captura pela tecnologia e por muitas das ilusões que ela propicia, que contribuem para esvaziar as dimensões subjetivas, relacionais e sociais humanas. A precariedade dos recursos subjetivos e libidinais fruto de nosso modo de vida resultaria na insuficiência para relações humanas complexas na diminuição da capacidade de amar. Essa reduzida capacidade de amar seria então destinada aos meios tecnológicos, às coisas, às máquinas.

Já há algum tempo, enfrentamos os complexos desdobramentos da aceleração do desenvolvimento tecnológico e das estruturas econômicas, que impactam a educação, os modos de vida e as formas de subjetivação contemporâneos.

Mais recentemente, cada vez mais autores, como Bauman (2001), apontam para a aceleração de tais dinâmicas, percebidas e intuídas por Adorno, e para os efeitos dessas dinâmicas nas mais diferentes esferas de nossa existência. Ele descreve suas implicações nas relações sociais e pessoais fluidas, que, em busca de aceitação e pertencimento, afetam as vivências corporais e até mesmo formatam e regulam desejos. Em *Sociedade do cansaço*, Byung-Chul Han (2015) destaca igualmente essas manifestações e denuncia a cultura da performance e a ilusão da liberdade individual que, mascarando a pressão para atingir padrões inalcançáveis, resultam na autoexploração e em exaustão psíquica e física. Por sua vez, Anna Lembke (2022), em *Nação dopamina*, e Jonathan Haidt (2024), em *Geração ansiosa*, descrevem especificamente os efeitos nocivos da tecnologia e o uso excessivo das formas virtuais de comunicação, aprendizado e relações sociais, que reforçam a pressão social e a busca incessante por gratificação e reconhecimento, pelo prazer imediato que leva à dependência crescente do olhar do outro.

“Humano, demasiado humano”... Carregamos em nossos corpos essa natureza paradoxal. Inicial e inevitavelmente desamparado e dependente, pode o corpo, pela relação com seu semelhante, superar essa condição e tornar-se potente sem deixar de ser frágil. Palco de nossas lutas, triunfos e quedas, vivemos no corpo marcas visíveis e invisíveis, testemunhas de nossa história, de tudo o que nos atravessa: do sofrimento à possibilidade de transcendência, da superação à possibilidade de uma irresistível submissão. É o corpo que abriga nossas contradições mais profundas, moldado por desejos e limites, por conquistas e por dores.

Os excessos, a alienação, a captura por ideais onipotentes, o individualismo exacerbado, a banalização do sofrimento, a apatia frente às desigualdades são alguns dos fatores que ameaçam o frágil equilíbrio de todas essas condições.

A negação da alteridade e de nossa dependência existencial do outro, o dismantelamento dos laços sociais e a devastação do planeta em que vivemos efetivamente nos ameaça de sermos reduzidos à nossa essência mais fundamental: um amontoado de células, processos bioquímicos e fisiológicos, pedaços de carne sem alma. Desumanos.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. Trad. de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- COELHO, Fernanda Dias et al. Cirurgia plástica estética e (in) satisfação corporal: uma visão atual. *Revista Brasileira de Cirurgia Plástica*, v. 32, n. 1, p. 135-140, 2017. Disponível em: <http://www.rbcp.org.br/details/1824/pt-BR/cirurgia-plastica-estetica-e--in--satisfacao-corporal--uma-visao-atual>.
- CSORDAS, Thomas J. Somatic modes of attention. *Cultural Anthropology*, v. 8, n. 2, p. 135-156, 1993.
- DEJOURS, Christophe. *Repressão e subversão em psicossomática: investigações psicanalíticas sobre o corpo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- FAIN, Michel. Prélude à la vie fantasmatique. *Revue Française de Psychanalyse*, v. 35, p. 291-364, 1971.
- FERREIRA, Francisco Romão. Cirurgias estéticas, discurso médico e saúde. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, v. 16, n. 5, maio 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232011000500006>.
- FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1980a. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XVII).
- FREUD, Sigmund. *História do movimento psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago, 1980b. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XIV).
- FREUD, Sigmund. *Mal-estar da civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1980c. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XXI).
- FREUD, Sigmund. *O ego e o id*. Rio de Janeiro: Imago, 1980d. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XIX).
- FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão*. Rio de Janeiro: Imago, 1980e. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XXI).
- FREUD, Sigmund. *O instinto e suas vicissitudes*. Rio de Janeiro: Imago, 1980f. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XIV).
- FREUD, Sigmund. *Psicologia de grupo e análise do ego*. Rio de Janeiro: Imago, 1980g. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XVIII).
- FREUD, Sigmund. *Sobre o narcisismo: uma introdução*. Rio de Janeiro: Imago, 1980h. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XIV).
- FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1980i. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. VII).
- FREUD, Sigmund. *Projeto para uma psicologia científica*. Rio de Janeiro: Imago, 1980j. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. I).
- GARCIA, Mariana. Mamas, rinoplastia e lipo: Brasil está entre países que mais fazem cirurgias plásticas. *G1*, 3 jul. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/noticia/2022/07/03/mamas-rinoplastia-e-lipo-brasil-esta-entre-paises-que-mais-fazem-cirurgias-plasticas-veja-lista-e-ranking.ghtml>.
- Haidt, Jonathan. *Geração ansiosa: como a infância hiperconectada está causando uma epidemia de transtornos mentais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2015.
- INTERNATIONAL SOCIETY OF AESTHETIC PLASTIC SURGERY (ISAPS). *International survey on aesthetic cosmetic procedures 2020*. 2021. Disponível em: https://www.isaps.org/media/evbbfapi/isaps-global-survey_2020.pdf.
- KELLY, Nicola. Vício em exercícios físicos: como o esporte pode se tornar uma obsessão nada saudável. *BBC News*, 10 dez. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-50721518>.
- LACAN, Jacques. (1949). O estádio do espelho com formador da função do Eu. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

LE BRETON, David. *La sociologie du corps*. Paris: Presses Universitaires de France, 2012.

LEMBKE, A. *Nação dopamina: por que o excesso de prazer está nos deixando infelizes e o que podemos fazer para mudar*. São Paulo: Vestígio, 2022.

MARTY, Pierre. *A psicossomática do adulto*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

M'UZAN, Michel de. Les esclaves de la quantité. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, v. 30, p. 129-138, 1984.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SMADJA, Claude. A propos des procédés autocalmants du moi. *Revue Française de Psychanalyse*, v. 4, p. 9-26, 1993.

SZWEC, Gérard. Les procédés autocalmants par la recherche de l'excitation: les galériens volontaires. *Revue Française de Psychosomatique*, v. 4, n. 27-52, 1983.

VOLICH, Rubens M. *Impasses da alma, desafios do corpo*. Figuras da hipocondria. 4. ed. São Paulo: Blucher, 2024.

VOLICH, Rubens M. *Psicossomática, de Hipócrates à psicanálise*. 8. ed. São Paulo: Blucher, 2022.